

# Representação do 5G chinês em Portugal: uma análise da intertextualidade em textos jornalísticos

## Representation of Chinese 5G in Portugal: an analysis of the intertextuality in journalistic texts

Si Chen

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Centro Científico e Cultural de Macau  
chensi@edu.ulisboa.pt  
ORCID: 0000-0003-2384-8103

### RESUMO

A empresa chinesa Huawei tem gerado polémicas à medida que a importância da tecnologia 5G se torna evidente nos últimos anos. Em maio de 2023, Portugal decidiu expulsar a empresa na infraestrutura 5G do país, devido ao que foi considerado um “alto risco” para a segurança das redes nacionais. Numa perspetiva intertextual, este artigo pretende examinar como os jornalistas incorporam e articulam as fontes enunciativas e como se posicionam em relação às vozes externas na representação do 5G chinês em Portugal, através da recolha e análise dos textos relacionados no jornal Público de 2019 a 2023. Os resultados revelam o dilema de Portugal sobre esse assunto, acompanhado de uma evolução temática de oportunidade, preocupação e risco/recusa no contexto de competição geopolítica. Os textos explicativos destacam-se entre diferentes géneros, nos quais os jornalistas se distanciam das vozes externas por meio de citações bem atribuídas.

### PALAVRAS-CHAVE

Tecnologia 5G, Huawei, intertextualidade, géneros textuais, representação mediática, análise do discurso.

### ABSTRACT

The Chinese company Huawei has generated controversy as the importance of 5G technology has become evident in recent years. In May 2023, Portugal decided to exclude the company from the country's 5G infrastructure, due to its considered “high risk” to the security of national networks. From an intertextual perspective, this article examines how the journalists include and articulate various sources and how they position themselves in relation to external voices in the representation of Chinese 5G in Portugal, through the collection and analysis of related texts in the newspaper Público from 2019 to 2023. The results reveal Portugal's dilemma on this matter, accompanied by thematic evolution from opportunity, concern to risk/refusal in the context of geopolitical competition. Explanatory texts stand out among different forms of reporting, in which journalists distance themselves from external voices through well-attributed quotes.

### KEYWORDS

5G Technology, Huawei, intertextuality, textual genres, media representation, discourse analysis.

## Introdução

A transformação digital parece-nos um caminho imparável hoje em dia, e a quinta geração de redes móveis, conhecida como 5G, constitui uma ferramenta essencial nesta evolução de novas tecnologias. Por esta razão, a multinacional chinesa Huawei, que ocupa uma posição de liderança nesta área e está presente na infraestrutura de redes móveis em diversos países, tem chamado a atenção global. Isso não se deve apenas à sua liderança no setor, mas também às vozes questionadoras em relação à segurança cibernética em meio ao crescimento da influência chinesa.

Em Portugal, a empresa atua na área de telecomunicação há quase 20 anos, cooperada com várias empresas locais e instituições académicas. Em 2018, na visita de estado do presidente chinês Xi Jinping, foi assinado um acordo para o desenvolvimento da tecnologia 5G, entre a Altice e a Huawei, bem como os outros 16 acordos em diferentes áreas, sob o quadro da Iniciativa *Uma Faixa, uma Rota*. Nas palavras do presidente Xi, “as relações entre Portugal e a China estão no melhor período da História”. No entanto, chegou a primeira onda que agitou “o navio das relações sino-portuguesas na nova era”<sup>1</sup>, quando a comitiva dos EUA visitou Lisboa e deixou um aviso que a participação chinesa na rede 5G podia afetar relações com o país<sup>2</sup>. Quatro anos depois, em maio de 2023, Portugal decidiu afastar a empresa chinesa na tecnologia do 5G, devido à deliberação do Gabinete Nacional de Segurança<sup>3</sup>.

A polémica do 5G da Huawei tem gerado estudos de diversas áreas. Na perspetiva da Análise do Discurso, Champion (2020) analisou como os EUA tinham construído o discurso da “ameaça chinesa”, explorando como as reações dos EUA à China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) em 2005 estabeleceram

---

<sup>1</sup> Uma amizade que transcende o tempo e o espaço, uma parceria voltada para o futuro. Discurso do presidente Xi Jinping na visita do estado a Portugal em 2018. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-dez-2018/uma-amizade-que-transcende-o-tempo-e-o-espaco-uma-parceria-voltada-para-o-futuro-10265258.html> consultado em 21 de outubro, 2023.

<sup>2</sup> EUA não querem Huawei na rede 5G em Portugal. Jornal Público, publicado em 28 de fevereiro de 2019. <https://www.publico.pt/2019/02/28/economia/noticia/eua-nao-querem-redes-5g-portugal-participacao-chinesa-1863763>, consultado em 21 de outubro, 2023.

<sup>3</sup> Huawei e outras empresas chinesas foram afastadas pelo Governo das redes 5G em Portugal, SAPO, publicado em 26 de maio de 2023. <https://tek.sapo.pt/noticias/telecomunicacoes/artigos/huawei-e-outras-empresas-chinesas-foram-afastadas-pelo-governo-das-redes-5g-em-portugal> consultado em 21 de outubro, 2023.

um precedente para reações semelhantes à Huawei uma década depois; Zhang (2021) focalizou-se na análise crítica de como a China tinha sido construída como uma “agressora económica bárbara” no discurso político nos EUA. Ao examinar o “assalto coordenado” à Huawei, ilustrou como a barbarização da China tem sido feita como parte integral da guerra comercial e se tornou indispensável na estratégia norte-americana para manter a sua hegemonia; Cheng *et al.* (2023) estudou como a britânica BBC representava num tom político o caso legal internacional das acusações à diretora financeira da Huawei, Meng Wanzhou, adotando a análise crítica do discurso. No âmbito dos estudos sino-portugueses, este trabalho visa investigar a representação mediática da participação da Huawei no desenvolvimento do 5G em Portugal. À luz da classificação das práticas intertextuais de Bazerman (2003), busca responder às questões seguintes: como os jornalistas incorporam e articulam diferentes fontes enunciativas nos artigos sobre este assunto? Como é que eles se posicionam em relação às vozes vinculadas ao assunto? e como a representação do 5G da Huawei evoluiu ao longo dos anos mediante as influências geopolíticas?

Para responder a estas questões, foram recolhidos os textos relacionados com o assunto, publicados no jornal Público de 2019 a outubro de 2023. A pesquisa consiste na combinação dos géneros textuais com a análise das fontes enunciativas, das práticas intertextuais, bem como a análise temática dos textos. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das representações mediáticas em torno da participação desta empresa emblemática chinesa no desenvolvimento da tecnologia 5G em Portugal.

## 1. Enquadramento teórico

### 1.1. Conceitos preliminares

Antes de os abordar os conceitos do género e da intertextualidade, é essencial apresentar os conceitos introdutórios como o texto, o enunciado, o enunciador, a fonte enunciativa e a responsabilidade enunciativa. O texto e o enunciado são frequentemente vistos como conceitos intimamente relacionados, distintos nos trabalhos de pragmática, linguística textual e análise do discurso. Adam (2008) define que o texto é um objeto empírico complexo, uma entidade linguística construída a partir de uma sequência coerente de enunciados, um “conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou na leitura/audição, que uma sucessão de enunciada forma um todo significante” (p. 25), e um

“objeto da linguística textual” (p. 43). Enquanto o enunciado, delineado como uma proposição-enunciado, distinta daquela dos lógicos ou gramáticos, é um “objeto da análise de discurso” (p. 43) e uma unidade textual fundamental, realizada por um ato de enunciação, “como um enunciado mínimo” (p. 106).

Bakhtin ressalta que a compreensão dos enunciados requer uma análise intrincada das relações entre “interação concreta e condições extralinguísticas, não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo” (Bakhtin, p. 126); Van Dijk (1983, p. 28) propõe uma ideia parecida, defendendo que o texto deve ser analisado de três dimensões: dos elementos linguísticos ou semióticos; do aspeto cognitivo ou psíquico e das questões socio-históricas relativas ao funcionamento dos textos; Ducrot (1987, p.164) descreve o enunciado como uma manifestação particular do ato de fala que ocorre *hic et nunc* (aqui e agora). Subvertendo a conceção tradicional que existe só uma voz no discurso, Ducrot introduz a ideia da Polifonia, onde as múltiplas vozes se entrelaçam no enunciado. Ducrot diferencia entre o sujeito empírico (SE), o locutor (L) e o enunciadador (E). O SE refere-se ao autor, o produtor do enunciado; o L é o responsável do enunciado, o sujeito a quem se atribui a responsabilidade dos enunciados; e o(s) E(s), não são pessoas, mas são os diferentes pontos de vistas presentes no enunciado (1988, pp. 16-19).

Ducrot ainda nos lembra que cada enunciado é um ponto de confluência para as múltiplas vozes, portanto, ao analisar os enunciados, não podemos olhar apenas para “o que” é dito, mas também para a fonte enunciativa, ou seja, à origem do ponto de vista expresso no enunciado, que pode ser originário do próprio locutor ou atribuído ao outro. Como elucidado por Rabatel (2009, p2), a instância que assume a responsabilidade por um enunciado é aquela que está na origem do processo de produção do enunciado. Num enunciado como “eu não gosto dessas questões de responsabilidade enunciativa”, o “eu” é a fonte, isto é, aquele que confirma a verdade do conteúdo proposicional.

A responsabilidade enunciativa, conforme Adam (2008), é manifestada pelas estratégias linguísticas que indicam o grau de envolvimento e comprometimento do autor com o conteúdo do texto. Essas estratégias incluem o uso dos índices de pessoa; os deícticos espaciais e temporais; os tempos verbais; as modalidades que expressam a atitude; os diferentes tipos de representação da fala; os mediadores discursivos, por exemplo, os marcadores linguísticos como “segundo” etc.; os fenómenos de modalização autonímica, como aspas ou itálico; finalmente, as indicações de um suporte de percepção e de pensamento relacionados (pp. 117-120).

## 1.1. Intertextualidade e género

A intertextualidade refere-se à forma como um texto dialoga com outros textos, influenciando e sendo influenciado por eles. O termo foi primeiro designado por Kristeva nos anos 60, baseado na sua leitura ao *dialogismo* de Bakhtin. Para ela, os textos são dinâmicos que se cruzam uns com outros, e “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Samoyault, 2008, p. 16).

Um termo frequentemente mencionado nos estudos de intertextualidade, é o *género* (*genre*). Bronckart (1997, p. 110) reconhece a dificuldade de catalogar todos os gêneros, visto que não são entidades estáticas com limites claramente definidos. Fairclough (2003, p. 68) discute sobre os “pré-gêneros”, termos proposto por Swales (1990) como a narrativa, argumentação, descrição e conversa, os quais são formas de discurso mais abstratas e fundamentais que transcendem contextos sociais específicos; Adam (2008, pp. 203-204) expande essa definição, detalhando que os textos são estruturados em sequências textuais como “narrativa”, “argumentativa”, “explicativa”, “dialogal” e “descritiva”, as quais são componentes de “macroproposição” interligados para formar uma hierárquica textual; Parecidamente, Van Dijk (1978) considera que o texto apresenta as estruturas micro, macro (p. 54) e superestrutura (p. 70), sugerindo as múltiplas camadas de análise semântica e sintática até o esquema global. A correspondência entre as sequências de Adam e a hierarquia textual de Van Dijk oferece uma perspectiva sobre a complexidade da organização textual. Cada sequência ou nível hierárquico contribui para a textualidade e, coletivamente, molda como o conteúdo é comunicado ao leitor.

Segundo Leeuwen (2008, pp. 345-346), o género refere-se ao tipo de texto ou de evento comunicativo. A análise de género é frequentemente combinada com a análise de intertextualidade, como o autor aponta, examinar os textos e os eventos comunicativos em termos dos seus géneros é descrever “what people do to, for, or with each other by means of texts and communicative events” e “how the way in which they do this helps set up or maintain specific relationships”. Portanto, a análise de género contribui não apenas para definir tipos de textos, mas também para organizar tipos de eventos sociais, os quais são possibilitados retoricamente pelos textos (Bawarshi, 2000, p. 335).

Neste trabalho, os textos foram categorizados em quatro géneros – “*explanatory exposition, media hortatory exposition, problem/solution and media chal-*

lenge”, seguindo a classificação de Wang (2008), baseada nas contribuições de Michael Hoey, J.R.Martin e Peter R.R White. Adicionalmente, foi considerada a classificação de Longcre (1974, p. 358), que identifica quatro tipos básicos de géneros conforme o tempo cronológico e o nível de prescrição dos textos: *Narrative*, *Expository*, *Procedural* e *Hortatory*. Hoey (2002, p. 28) desenvolve os padrões de organização textual, identificando que as narrativas se estruturam tipicamente em torno de quatro elementos: situação, problema, avaliação e solução; Martin (1997) introduz o conceito de *macro-genre* nos estudos anteriores (1994, 1995), sintetizando os textos como relato, relatório, explicação e exposição entre outros. White, por sua vez, trabalha extensivamente na avaliação, conhecida como *Appraisal Theory*, explorando como as atitudes, os julgamentos e os níveis de engajamento influenciam a identificação de géneros textuais, particularmente aqueles com uma função argumentativa ou avaliativa (White, 2002).

Na classificação aplicada neste estudo, o género de *explanatory exposition* refere-se aos textos que primam por explicar, detalhando o quê, como e por quê de um evento ou conceito; já o *hortatory exposition* será reconhecido nos artigos que visem influenciar a opinião ou ação do leitor; os enquadrados no género de *problem/solution* serão aqueles que não apenas discutem uma questão, mas também oferecem possíveis soluções; por último, o *media challenge* é o tipo que propõe um questionamento ou um contraponto a opiniões existentes sobre temas de interesse público (Wang, 2008, p. 365).

Relativamente à intertextualidade, Scollon (2004, pp. 171-173) indica que, a intertextualidade, chamada por ele *discourse representation*, varia consoante os géneros. Segundo ele, a escrita jornalística é principalmente construída em citações diretas e indiretas, enquanto a escrita académica mostra um modo mais variável, incluindo pressuposições e asserções. No entanto, a análise da intertextualidade vai além da exposição de fontes de citações, uma vez que é possível incluir “anonymous discursive practices, codes whose origins are lost” (Culler, 2005, p. 114). Bazerman (2003, p. 86) tinha proposto ideias parecidas, definiu que as relações intertextuais podem ser divididas em explícita e implícita, e “through such relations a text evokes a representation of the discourse situation, the textual resources that bear on the situation, and how the current text positions itself and draws on other texts”. Conforme se o texto pode evocar outro texto de forma explícita e se o posterior conta com uma fonte consciente, Bazerman dividiu diversos níveis de intertextualidade, e propôs *The Techniques of Intertextual Representation*, começando pela mais explícita:

1. Direct quotation
2. Indirect quotation
3. Mentioning of a person, document or statements.
4. Comment or evaluation on a statement, text, or otherwise invoked voice.
5. Using recognizable phrasing, terminology associated with specific people or groups of people or particular documents.
6. Using language and forms that seem to echo certain ways of communicating, discussions among other people, types of documents.

Segundo o autor, as formas mais explícitas (as primeiras na lista) são geralmente mais acessíveis, as quais também têm sido mais analisadas nos estudos anteriores. (e.g. Bazerman 1993, 2004; Devitt, 1991; White, 2002 apud Wang, 2008). Neste artigo, o nosso foco recai principalmente sobre as quatro primeiras formas, uma vez que as primeiras quatro técnicas tratam-se formas explícitas, enquanto as últimas duas implícitas, ou instâncias de interdiscursividade (Koskela, 2013, p. 395).

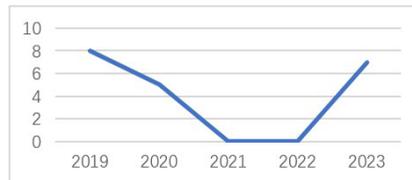
Na análise crítica do discurso, Fairclough (1992a, p. 270) também enfatiza a importância da intertextualidade na construção de textos: a intertextualidade reflete “how texts can transform prior texts and restructure existing conventions (genres, discourses) to generate new ones”, é “socially limited and constrained” e “conditional upon relations of power”. Relativamente à análise dos textos mediáticos, Fairclough (1992b, p. 204) argumenta que a intertextualidade pode fornecer aos estudos dos media uma “textual basis for answering questions about what social resources and experiences are drawn upon in the reception and the interpretation of media, and what other domains of life media messages are linked or assimilated to in interpretation”.

## 2. Metodologia

No âmbito dos estudos sino-portugueses, o objetivo deste estudo é analisar a representação mediática da participação da Huawei no desenvolvimento do 5G em Portugal, refletindo-se nas seguintes questões: como os jornalistas incorporam e articulam diferentes fontes enunciativas? como se posicionam às vozes vinculadas ao assunto? e como a representação do 5G da Huawei evoluiu ao longo dos anos mediante as influências geopolíticas?

O jornal Público foi selecionado como fonte primária devido à sua posição de destaque tanto na circulação impressa quanto digital em Portugal, mantendo uma presença consistente e resiliente em meio à retração geral do mercado, conforme dados da APCT<sup>45</sup>. A recolha de artigos, realizada entre 20 e 22 de outubro de 2023 através da base de dados de imprensa *Factiva*<sup>6</sup>, cobre o período de 2019 a outubro de 2023. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa utilizando as palavras-chave “5G” e “China; em seguida, foram examinados manualmente os resultados preliminares a fim de assegurar a qualidade do corpus, com foco nos artigos em que o 5G chinês em Portugal constituísse o assunto principal. Deste modo, excluíram-se os que não focalizaram no tema, embora incluíssem as palavras-chave, por exemplo, os artigos que promoveram os novos produtos da Huawei com a referência ao 5G, e os que mencionaram 5G chinês em outros países. Encontram-se no total 20 artigos no período de pesquisa:

**Gráfico 1:**  
**Quantidade dos textos sobre o 5G Huawei em Portugal no jornal Público (2019-2023)**



Pelo gráfico, percebe-se que os picos de reportagem ocorreram nos anos de 2019 e de 2023, quanto aos anos de 2021 e 2022, não foi encontrado artigo sobre o assunto. No entanto, isto não significa que o jornal não tinha interesse no tópico do 5G nesses anos: houve artigos em relação ao desenvolvimento e ao obstáculo do 5G chinês em outros países, por exemplo, “Huawei acusada de

<sup>4</sup> Público foi o diário mais lido em Portugal e cresceu 17% no digital, publicado em 23 de fevereiro de 2023. <https://www.publico.pt/2023/02/28/sociedade/noticia/publico-diario-lido-portugal-cresceu-17-digital-2040618>, consultado em 20 de fevereiro, 2024

<sup>5</sup> APCT (Associação Portuguesa Para O Controlo De Tiragem E Circulação): Público chega ao final de 2022 com mais circulação paga. No papel as quebras não poupam nenhum dos generalistas. <https://www.meiosepublicidade.pt/2023/02/apct-publico-chega-ao-final-de-2022-com-mais-circulacao-paga-no-papel-as-quebras-nao-poupam-nenhum-dos-generalistas/>, consultado em 20 de fevereiro, 2024

<sup>6</sup> *Factiva*. <https://www.dowjones.com/professional/factiva/>

aceder a conversas telefónicas de milhões de utilizadores nos Países Baixos<sup>7</sup>”, e “Robert Strayer: Não estamos contentes com a posição do Reino Unido sobre a Huawei<sup>8</sup>” etc.; sobre a implantação do 5G em Portugal, teve como “Portugal sobe um lugar no índice digital na Europa mas está atrasado no 5G<sup>9</sup>”, “Tecnologia 5G apresenta-se como a chave para a mobilidade autónoma<sup>10</sup>”, entre outros nove artigos.

Depois de recolher os textos, foram categorizados os géneros textuais *explanatory – exposition, hortatory, problem/solution* e *media challenge* conforme a classificação de Wang (2008). Em seguida, foram levantadas e analisadas as fontes enunciativas, as formas de práticas intertextuais conforme *the Techniques of Intertextual Representation* de Bazerman (2003, p. 86), bem como a evolução das temáticas mencionadas nos textos recolhidos. Na próxima seção, analisam-se os resultados obtidos a partir das abordagens mencionadas.

### 3. Resultados

#### 3.1 Géneros textuais

Relativamente aos géneros, os 20 artigos enquadram-se nas categorias de *explanatory – exposition, hortatory* e *media challenge*. Não foi identificado nenhum artigo como *problem/solution*. Para cada género, será extraída uma sequência representativa que evidencia as suas características definidoras. Segue-se a tabela da estatística dos géneros:

---

<sup>7</sup> Huawei acusada de aceder a conversas telefónicas de milhões de utilizadores nos Países Baixos, publicado em 20 de abril de 2020, <https://www.publico.pt/2021/04/20/tecnologia/noticia/huawei-acusada-aceder-conversas-telefonicas-milhoes-utilizadores-paises-baixos-1959348>, consultado em 23 de outubro, 2023

<sup>8</sup> Robert Strayer: "Não estamos contentes com a posição do Reino Unido" sobre a Huawei, publicado em 19 de fevereiro de 2020, <https://www.publico.pt/2020/02/19/economia/noticia/robert-strayer-nao-contentes-posicao-reino-unido-huawei-1904702>, consultado em 23 de outubro, 2023

<sup>9</sup> Portugal sobe um lugar no índice digital na Europa mas está atrasado no 5G, publicado em 9 de agosto de 2022, <https://www.publico.pt/2022/08/09/economia/noticia/portugal-sobe-lugar-indice-digital-europa-atrasado-5g-2016445>, consultado em 23 de outubro, 2023

<sup>10</sup> Tecnologia 5G apresenta-se como a chave para a mobilidade autónoma, publicado em 23 de setembro de 2022, <https://www.publico.pt/2022/09/23/tecnologia/noticia/tecnologia-5g-apresentase-chave-mobilidade-100-autonoma-2021185>, consultado em 23 de outubro, 2023

Tabela 1: estatística dos géneros

Géneros	2019	2020	2023
Explanatory-exposition	6	4	6
Hortatory	1		
Problem/solution			
Media challenge		1	1
Mistura do P/S e MC	1		

Pela tabela, é evidente que o género *explanatory – exposition* predomina em uma grande parte dos artigos recolhidos, particularmente nos anos de 2019 e de 2023. Em 2019, a ênfase nas informações expositivas e explicativas não recaiu tanto sobre a própria tecnologia 5G, mas concentrou-se, sobretudo, em elucidar as pressões exercidas pelos Estados Unidos e as respostas dos aliados. Por exemplo, o artigo “EUA não querem Huawei na Rede 5G em Portugal”<sup>11</sup> informa sobre a participação da Huawei no 5G português e as tensões geopolíticas envolvidas, focando nas preocupações de segurança dos EUA e o impacto nas relações Portugal-EUA. Sem adotar uma postura argumentativa ou desafiadora, o texto é claramente expositivo, esclarecendo o debate sobre a segurança do 5G e as posições internacionais.

Em 2019, ainda foram publicados dois artigos de opinião, um do género *hortatory*, enquanto o outro é do género híbrido de *problema/solution* e *media challenge*. O artigo *hortatory* “As pressões sobre a Huawei precisam de resposta”<sup>12</sup> adota uma postura hortatória, instigando à transparência e ação decisiva perante a presença da Huawei em Portugal. Argumenta-se pela necessidade de uma resposta governamental às pressões internacionais, citando exemplos de exclusão da Huawei nas redes 5G alheias e levantando as preocupações sobre a sua ligação com o governo chinês, procurando influenciar uma revisão cuidadosa da participação da Huawei na rede portuguesa.

O artigo híbrido de *problem/solution* refere-se a uma reportagem intitulada “Riscos do 5G made in China são um receio made in EUA?”<sup>13</sup>. Por um lado, deli-

<sup>11</sup> Cf. nota 2.

<sup>12</sup> As pressões sobre a Huawei precisam de resposta, publicado em 4 de março de 2019, <https://www.publico.pt/2019/03/04/economia/editorial/pressoes-huawei-precisam-resposta-govern-1864071>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>13</sup> Riscos do 5G made in China são um receio made in EUA? Publicado em 10 de março de 2019, <https://www.publico.pt/2019/03/10/tecnologia/noticia/5g-seguranca-guerra-comer->

neava claramente o problema – a preocupação com a segurança das redes 5G de Huawei e a potencial influência do governo chinês através da Huawei, uma questão que tem implicações geopolíticas, destacadas pelas advertências dos EUA; por outro, o artigo equilibrou a exposição do problema com as opiniões de especialistas portugueses e uma proposta de solução, adotar uma maior heterogeneidade de fornecedores para evitar dependência de uma única empresa, assim como implementar medidas de segurança adicionais.

Em 2020, foi publicado um artigo de opinião do género *media challenge* – “Portugal não é um quintal das traseiras de Washington<sup>14</sup>, em que o autor não apenas informa sobre as tensões existentes, mas também desafia a posição americana, questionando a legitimidade e as motivações por trás da pressão exercida sobre Portugal, adotando um tom assertivo e questionador, característico do género *media challenge*: ao analisar e desaprovar a atitude dos EUA, qualifico-a como “coação” e rejeitou-a como uma intrusão nas decisões soberanas de Portugal. Além disso, o texto convida os leitores a refletir sobre o assunto. Desta maneira, a natureza desafiadora deste artigo justifica a sua classificação.

Com quatro artigos, em 2020, o género *explanatory – exposition* continuou a predominar, mas o que foi exposto e esclarecido é distinto do ano passado. Neles, dois deles detalharam a decisão de operadoras portuguesas de excluir a Huawei do 5G, refletindo sobre a pressão dos EUA e a postura da UE<sup>15</sup>. O terceiro artigo relatou a resposta do presidente Marcelo Rebelo de Sousa ao dilema de escolha entre EUA e China, destacando sua defesa da soberania portuguesa<sup>16</sup>. O último artigo aborda críticas do artista Ai Weiwei à influência chinesa no 5G, descrevendo-a como controlada pelo Estado e potencialmente perigosa. Embora

---

*cial-eua-huawei-1864698*, consultado em 23 de outubro, 2023

<sup>14</sup> Portugal não é um quintal das traseiras de Washington. Publicado em 26 de setembro de 2020. <https://www.publico.pt/2020/09/26/politica/noticia/portugal-nao-quintal-traseiras-washington-1933001>, consultado em 25 de outubro de 2023

<sup>15</sup> Operadoras de telecomunicações portuguesas não vão utilizar Huawei nas redes 5G, publicado em 30 de julho de 2020, <https://www.publico.pt/2020/07/30/tecnologia/noticia/operadoras-telecomunicacoes-portuguesas-nao-va-utilizar-huawei-redes-5g-1926465>; Operadoras portuguesas descartam Huawei nas redes 5G. Luís Villalobos, fonte: *Factiva*, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>16</sup> Marcelo responde a embaixador dos EUA: “Quem decide são os representantes dos portugueses”, publicado em 27 de setembro de 2020, <https://www.publico.pt/2020/09/27/politica/noticia/marcelo-afirma-sao-representantes-portugueses-decide-destinos-pais-1933063>, consultado em 24 de outubro, 2023

apresente uma visão crítica, a falta de um posicionamento definido do jornalista o categoriza como uma exposição da opinião alheia<sup>17</sup>.

Em 2023, a quantidade dos artigos voltou a aumentar desde o início de junho, visto que no final de maio, Portugal anunciou a decisão da exclusão da Huawei na implementação do 5G no país. Encontram-se sete artigos, entre os quais prevaleceram os seis *explanatory-exposition*. Neste ano, ouvia-se as vozes explanatórias sobre a justificação à decisão da autoridade portuguesa<sup>18</sup>, as preocupações de segurança<sup>19</sup>, o elogio à decisão de Portugal da UE<sup>20</sup>, bem como o esclarecimento da Huawei e a sua decisão de pôr a Comissão de Avaliação de Segurança de Portugal em tribunal<sup>21</sup>. No único artigo de *media challenge* deste ano, a autora criticou a mudança súbita da postura de Portugal em relação com o 5G da Huawei.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> "Cuidado" com a Huawei e o 5G, avisa Ai Weiwei, publicado em 20 de outubro de 2020, <https://www.publico.pt/2020/10/20/culturaipylon/noticia/cuidado-huawei-5g-avisa-ai-weiwei-1936034>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>18</sup> MNE sobre China e 5G: "A segurança das nossas redes não é negociável", publicado em 16 de junho de 2023, <https://www.publico.pt/2023/06/16/economia/noticia/mne-china-5g-seguranca-redes-nao-negociavel-2053564>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>19</sup> Bruxelas aperta cerco à Huawei e Portugal confirma "preocupações de segurança", publicado em 6 de setembro de 2023, <https://www.publico.pt/2023/06/09/economia/noticia/bruxelas-aperta-cerco-huawei-portugal-confirma-preocupacoes-seguranca-2052662>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>20</sup> 5G: Bruxelas apoia decisão de Portugal sobre Huawei, publicado em 6 de setembro de 2023, <https://www.publico.pt/2023/09/06/economia/noticia/5g-bruxelas-apoia-decisao-portugal-huawei-2062456>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>21</sup> Huawei: "Enquanto tivermos clientes que precisem, vamos ficar em Portugal, publicado em 19 de junho de 2023, <https://www.publico.pt/2023/06/19/economia/noticia/huawei-clientes-precisem-vamos-ficar-portugal-205373>, consultado em 24 de outubro, 2023

Huawei: "Se conseguíssemos enviar dados para a China, os operadores dariam por isso", publicado em 19 de junho de 2023, <https://www.publico.pt/2023/06/19/economia/noticia/huawei-conseguissemos-enviar-dados-china-operadores-dariam-2053734>, consultado em 24 de outubro, 2023

5G: Huawei Portugal põe Comissão de Avaliação de Segurança em tribunal, publicado em 4 de setembro de 2023, <https://www.publico.pt/2023/09/04/economia/noticia/5g-huawei-portugal-contesta-deliberacao-comissao-seguranca-justica-2062193>, consultado em 24 de outubro, 2023

<sup>22</sup> Tudo bons amigos, publicado em 5 de junho de 2023, <https://www.publico.pt/2023/06/05/opiniaoeeditorial/portugal-eua-bons-amigos-2052304>, consultado em 24 de outubro, 2023

## 1.2. Representação intertextual

### 1.2.1. Fontes enunciativas

Nesta seção, analisam-se primeiro as fontes enunciativas citadas nos artigos. Foram classificadas as diversas fontes nos seguintes grupos: Huawei, autoridade chinesa, União Europeia e comissários da UE, autoridades norte-americanas, fontes de Portugal (autoridades portuguesas, operadoras de telecomunicação e indivíduos), e outro (Artista Ai Weiwei). Esta divisão permite uma observação das diferentes perspetivas apresentadas nos textos. Veja-se a figura seguinte sobre a distribuição das fontes:

**Figura 2: distribuição das fontes enunciativas<sup>23</sup>**

代码列表	2019	2020	2023
🇨🇳 fonte-huawei coletivo e individuais	10		16
🇨🇳 fonte-autoridade chinesa			5
🇪🇺 fonte-UE e comissários da UE	1		12
🇺🇸 fonte-autoridades norte-americanas	15	3	
🇵🇹 fonte-autoridades portuguesas	20	7	9
🇵🇹 fonte-operadoras de Portugal		6	
🇵🇹 fonte-Individuos (especialistas) PT	9		4
🇨🇳 fonte-outros (Ai Weiwei)		3	

A análise da frequência das citações revela uma predominância das autoridades portuguesas, especialmente notável em 2019 e 2020. O ano de 2019 destaca-se pela diversidade de fontes, influenciado pelos alertas dos EUA sobre o 5G chinês e pela visita de Mike Pompeo (ex-secretário de estado dos EUA) a Portugal, destacando as preocupações com o 5G chinês. Estes eventos explicam a presença marcante de autoridades portuguesas e americanas, da Huawei e de especialistas portugueses nas discussões. Em relação a 2020, um dos acontecimentos principais foi a decisão das operadoras de telecomunicações portuguesas de não utilizar a Huawei nas redes 5G. Isso resultou em um maior destaque das vozes das autoridades portuguesas e das operadoras de telecomunicação.

Em 2023, observa-se uma mudança adicional, com a Huawei ganhando destaque, juntamente com os políticos da União Europeia, como fontes frequentemente citadas. Isto se devia à decisão do governo português de não utilizar o 5G chinês, baseada na deliberação do Gabinete Nacional de Segurança. Em res-

<sup>23</sup> O tamanho de quadro e a intensidade de cor representam a frequência de citações. Os quadros em vermelho claro são os mais frequentemente citados do ano.

posta a essa decisão, várias citações da Huawei, das autoridades portuguesas e da União Europeia foram divulgadas nos artigos desse ano.

### 1.2.2. Formas de intertextualidade

Nesta secção, analisam-se as formas de representação intertextual nos artigos recolhidos. Encontram-se todas as quatro formas – citações diretas, citações indiretas, menções e comentários/avaliações nos textos recolhidos. Segue a tabela com as frequências de uso de cada forma ao longo dos anos:

**Tabela 2: distribuição das formas intertextuais (Bazerman, 2003)**

Anos	Citação direta	Citação indireta	Menção	Comentário/ Avaliação
2019	46	16	12	3
2020	19	3	6	2
2023	45	18	11	2
total	110	37	29	7

#### 3.2.2.1. Citações diretas

Com um total de 110 casos, as citações diretas emergem como a forma de representação intertextual mais usada, assumindo uma posição de destaque nos artigos recolhidos ao longo dos anos de pesquisa. Seguem-se alguns exemplos da citação direta:

(1) Jeremy Thompson, cybersecurity and privacy officer da Huawei  
*"Seria muito útil que os governos fossem honestos sobre este tema e assumissem que estão a tomar decisões baseadas em fundamentos geopolíticos. Têm o direito de o fazer, mas deviam usar os argumentos certos e aí já teríamos uma discussão diferente"*, disse aos jornalistas. (Huawei Enquanto tivermos clientes que precisem vamos ficar<sup>24</sup>, 19 de junho de 2023)

(2) Wang Wenbin, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, Wang Wenbin, afirmava, numa conferência de imprensa, que *expulsar a Huawei do 5G será uma "violação inequívoca dos princípios da economia de mercado, do livre*

<sup>24</sup> Fonte: <https://www.publico.pt/2023/06/19/economia/noticia/huawei-clientes-precisem-vamos-ficar-portugal-2053732> consultado em 25 de outubro de 2023

*comércio e da concorrência justa*". (Bruxelas aperta cerco à Huawei e Portugal confirma "preocupação de segurança"<sup>25</sup>, 9 de junho, 2023)

(3) Donald Trump, ex-presidente dos EUA

*"Não acho que seja um risco de segurança, mas um perigo de segurança"*, disse Trump, sublinhando que todas as capitais aliadas lhe disseram que a adesão à nova rede não aconteceria. (Pompeo avisa Governo sobre os perigos do investimento chinês<sup>26</sup>, 5 de dezembro, 2019)

(4) Ai Weiwei, artista e ativista opositor do governo chinês

Portugal deve ter cuidado com a tecnologia 5G da gigante chinesa Huawei, porque *se trata de "uma empresa controlada pelo Estado, quase uma empresa militar"*, avisa Ai Weiwei. (Recados de um artista ativista cuidado com a Huawei e o 5G<sup>27</sup>, 21 de outubro de 2020)

(5) Pedro Veiga, professor da Universidade de Lisboa e ex-coordenador do Centro Nacional de Cibersegurança

*"O que devemos é ter confiança nos nossos fornecedores. Esta guerra sobre o 5G entendo-a como uma peça de uma luta sobre o domínio tecnológico das redes"*, defende Veiga. (Riscos do 5G made in China são um receio made in EUA<sup>28</sup>, 10 de março de 2019)

Essas sequências representam tanto as vozes dos defensores da própria empresa (Jeremy Thompson) e da autoridade chinesa, quanto as críticas das figuras como o ex-presidente dos EUA, que classificou a empresa como um "perigo de segurança", ou do artista opositor Ai Weiwei, que acreditou que a empresa é quase militar; do lado de Portugal, citou um especialista português da área, cuja visão se estende à dimensão estratégica. Essas vozes são atribuídas claramente aos locutores, os quais são de figuras com importância política e social ou especialistas da área de tecnologia e segurança cibernética. Essas citações têm uma vantagem evidente na transmissão de informações e opiniões com autenticidade, uma vez que os leitores têm acesso direto às palavras das fontes citadas. Atra-

---

<sup>25</sup> Fonte: <https://www.publico.pt/2023/06/09/economia/noticia/bruxelas-aperta-cerco-huawei-portugal-confirma-preocupacoes-seguranca-2052662>, consultado em 25 de outubro de 2023

<sup>26</sup> Fonte: <https://www.publico.pt/2019/12/05/politica/noticia/pompeo-avisa-governo-portugues-perigos-investimento-chines-1896300>, consultado em 25 de outubro de 2023

<sup>27</sup> Cf. nota 17.

<sup>28</sup> Cf. nota 13.

vés dessas vozes, o jornal fornece uma gama variada de opiniões relativamente convencedoras.

### 3.2.2.2. Citação indireta

Comparativamente, as citações indiretas aparecem em menor frequência. Essa forma de parafrasear ou resumir as palavras é geralmente empregada quando o autor busca simplificar as palavras originais ou realçar pontos-chave dum discurso longo. Num artigo de opinião intitulado em "Tudo bons amigos"<sup>29</sup>, publicado em junho de 2023, a citação indireta obtém uma grande percentagem entre todas as formas intertextuais aplicadas. Vejam-se as três sequências extraídas:

(6) António Costa, primeiro-ministro de Portugal

Em 2019, António Costa chegou a garantir num debate quinzenal na Assembleia da República que não "*diabolizava o investimento chinês*" e que não ia enveredar por "*proteccionismos*", respondendo a uma pergunta do PSD, a propósito das primeiras notícias sobre os receios dos EUA perante a entrada da China nos concursos do 5G.

(7) Ministro da Economia de Portugal, António Costa Silva

O ministro chamou-lhe "*uma posição precaucionária*", uma vez que há "*várias nuances*" no tipo de ameaça que advém dessa presença chinesa nos serviços de telecomunicações.

(8) Ursula von der Leyen, president da Comissão da Europeia

Ursula von der Leyen apelou a uma mudança nas relações comerciais com a China, a que baptizou "*de-risking*" (*redução do risco*), em vez de "*decoupling*" (*desvinculação*).

É de realçar o uso das aspas no meio dessas sequências do discurso indireto. Revela-se que os segmentos entre aspas sublinhados, ou melhor, as *ilhas textuais*<sup>30</sup>, permitem enfatizar que essas partes isoladas não são assumidas pela autora, mas são as palavras de António Costa (em 2019) – de não demonizar o investimento chinês; do Ministro da Economia – a decisão é cautelada; e da Ursula von der Leyen – em vez de desvinculação radical, é melhor diminuir risco nas

<sup>29</sup> Cf. nota 23.

<sup>30</sup> Ilhotas textuais, designado por Authier-Revuz (1978), consiste na ocorrência de segmento breves do texto/discurso original, entre aspas, no texto do relator. (Ramos, 2007, p. 18)

relações comerciais. Além deste artigo, o uso das ilhas textuais está frequentemente observado nos textos recolhidos, mostrando a tendência dos jornalistas em mostrar o distanciamento dos enunciadores e a cautela em relação ao assunto.

### 3.2.2.3. Menções

A terceira forma intertextual – a menção também apresenta uma frequência relativamente alta nos textos recolhidos. Vejam-se dois exemplos:

(9) Mas se a pressão é deplorável e *faz lembrar a arrogância norte-americana* dos tempos em que tratava países (principalmente os da América Latina) como o quintal das traseiras, a substância obriga a uma reflexão mais cuidada. Num momento em que é clara a ambição chinesa de expandir o seu poder pelo globo, conceder a uma das suas empresas emblemáticas influência numa área estratégica como a das telecomunicações é um risco. (Portugal não é um quintal das traseiras de Washington<sup>31</sup>, 27 de setembro de 2020)

(10) Além do argumento da cibersegurança, é válido o argumento da possibilidade de *disrupção das cadeias logísticas ligadas aos equipamentos*, que ficou bem patente durante a pandemia de covid-19 e que a Europa teme que possa ser usado como arma pela República Popular da China.

E não é de excluir um agravamento das tensões entre os dois blocos, tendo em conta os últimos desenvolvimentos na cena internacional: entre abril e maio, o mundo assistiu a novos desenvolvimentos da *“amizade sem limites” entre China e Rússia*. (Huawei: Enquanto tivermos clientes que precisem vamos ficar<sup>32</sup>, 19 de junho de 2023)

Percebe-se que as menções identificadas nas sequências fornecem informações contextuais, contribuindo para uma melhor compreensão do assunto. Através da contextualização das pressões internacionais e da emergência da China, revelam-se as raízes geopolíticas dessa polémica em torno da Huawei 5G.

---

<sup>31</sup> cf. nota 18.

<sup>32</sup> Fonte: <https://www.publico.pt/2023/06/19/economia/noticia/huawei-clientes-precisem-vamos-ficar-portugal-2053732>, consultado em 25 de outubro de 2023

### 3.2.2.4. Comentários ou avaliações

Nos artigos analisados, observam-se poucos comentários avaliativos. Por exemplo, a sequência (11) menciona que a preocupação dos EUA com o 5G da Huawei é vista como exagerada por especialistas, enquanto a sequência (12) critica a rápida aliança de Portugal com os EUA, mostrando a subjetividade dos autores nos artigos opinativos.

(11) Mas o nível de preocupação mostrado pelos americanos não encontrou eco em todos os países e é visto como exagerado pelos especialistas ouvidos pelo Público. (Riscos do 5G made in China são um receio made in EUA<sup>33</sup>, 10 de março de 2019)

(12) Pelos vistos, também há várias nuances entre os responsáveis políticos, mas o certo é que Portugal foi dos primeiros países a colocarem-se rapidamente ao lado dos EUA. Quando é amigo, Portugal é mesmo um bom amigo. O Presidente Bush-filho, que teve como anfitrião Durão Barroso na Cimeira das Lajes, que o diga. (Tudo bons amigos<sup>34</sup>, 6 de junho de 2023)

## 3.3. Evolução temática: em Portugal, o que mudou sobre o 5G chinês?

Adotando uma vista cronológica, é possível observar uma evolução temática sobre o assunto. No primeiro ano da polémica, o foco das reportagens situava-se em contextualizar ao público os conflitos geopolíticos, o envolvimento significativo da Huawei no desenvolvimento do 5G, e nas reações de outros países perante os alertas norte-americanos. Resumidamente, as temáticas abordadas incluíram a conscientização dos desafios enfrentados pela própria empresa, juntamente, a mesma demonstrava a sua confiança em enfrentá-los. Da perspetiva portuguesa, é perceptível uma hesitação em relação aos alertas americanos, porém, acompanhada de um desejo de manter boas relações com a China, considerando os benefícios que essa parceria poderia trazer e aproveitando a tecnologia chinesa como “oportunidade” na transição digital do país.

Enquanto em 2019, a representação no jornal pôs uma ênfase nas possíveis oportunidades e nos benefícios relacionados à empresa chinesa, em 2020, houve

---

<sup>33</sup> Cf. nota 13.

<sup>34</sup> Cf. nota 23.

uma mudança na tonalidade da narrativa. Portugal, ciente das advertências dos Estados Unidos e das ações subsequentes dos aliados, percebeu que é necessário ser cauteloso, visto que a questão transcende a esfera tecnológica, envolvendo profundamente interesses geopolíticos entre os aliados e a grande parceria económica. A decisão das operadoras de telecomunicações portuguesas de excluir a Huawei das redes 5G fez com que a abordagem se tornasse mais cética e crítica, marcando a transição de uma perspectiva de "oportunidade" para uma posição indecisa. Essa alteração também foi influenciada pela mudança dos tons norte-americanos, que deixaram de realçar somente as ameaças à segurança de Portugal, ademais, apontaram um plano/uma solução para o país, sem ter a Huawei em consideração – Portugal poderia estabelecer parcerias mais favoráveis com os aliados na área do 5G. Isso intensificou o dilema de Portugal, sugerindo uma reavaliação das relações com a China neste assunto da tecnologia.

Nos dois anos seguintes em "silêncio", apesar de não ter referido diretamente o 5G chinês em Portugal, o jornal não se esqueceu de transmitir preocupações e novas ações de banir a Huawei em outros países. O dilema de Portugal persistia em 2023, no entanto, com um foco maior acerca do "risco". Isto foi refletido pela decisão de Portugal sobre a proibição da Huawei na rede nacional do 5G, o que evidenciou o dilema inerente ao equilíbrio entre interesse económico com a China, às diretrizes da União Europeia e às pressões crescentes dos aliados.

## Considerações finais

Tendo em conta os géneros textuais e as práticas intertextuais, este trabalho estudou a representação mediática da participação da Huawei no desenvolvimento do 5G em Portugal, fornecendo uma visão abrangente sobre a evolução desse tópico ao longo dos últimos anos.

Para responder às questões propostas no início, são recolhidos os textos relacionados publicados no jornal Público de 2019 a outubro de 2023. São combinadas a categorização dos géneros textuais com a análise das fontes enunciativas, das práticas intertextuais, bem como a análise da evolução temática. Através dessas análises por secção, resolvem-se as três perguntas de investigação propostas no início: (1) Identificam-se as quatro formas intertextuais nos artigos recolhidos, com o maior peso na citação direta, na qual a fonte enunciativa é atribuída com clareza. Em todos os géneros textuais, não se encontram vozes das pessoas comuns. Além das vozes da própria empresa Huawei e das autoridades

portuguesas, destacam-se as vozes dos políticos dos EUA e dos comissários da União Europeia, as quais comprovam a cor geopolítica do assunto. (2) Nota-se ainda que, nos artigos do género *explanatory – exposition* e *hortatory*, que são principalmente reportagem noticiosa, os jornalistas adotam um bom controlo em objetividade perante as fontes discursivas. Isso se reflete em ambas citações diretas e indiretas, especialmente, no caso posterior, pelo uso amplo das ilhas textuais. Além disso, encontram-se ainda as formas de *mention* e *comment/evaluation* que se enquadram principalmente no género *media challenge* e no género híbrido de *media challenge* e *problema/solution*, os quais geralmente se relacionam com artigos opinativos. (3) Resume-se ainda que, a representação do 5G da Huawei em Portugal evoluiu ao longo dos anos mediante às circunstâncias geopolíticas. Essa evolução temática nos artigos reflete a complexidade do assunto e o dilema de Portugal, no qual, às oportunidades iniciais, se juntaram as preocupações, não apenas com o risco na segurança nacional, mas também com as relações com os aliados.

Em suma, a representação da questão do 5G Huawei em Portugal é complexa e multifacetada, na qual as formas de intertextualidade desempenharam um papel significativo na construção da narrativa jornalística, proporcionando uma variedade de vozes e perspectivas. Além do mais, vale mencionar o uso de outras ferramentas linguísticas, tal como metáforas que descrevem o 5G como uma "guerra", a disputa do 5G como uma "peça de uma luta" pelo domínio tecnológico das redes, e politicamente o 5G é uma "arma de arremesso" etc. Apesar de que os autores não tomarem posição direta em relação a essas metáforas, essa técnica linguística auxiliava os leitores na interpretação do assunto, indo além da uma questão de tecnologia, o que pode ser considerada uma abordagem nos futuros estudos sobre o tema.

## Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. (2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*.
- Bakhtin, M. (2006). Marxismo e filosofia da linguagem. In *Filosofia*. HUCITEC Editora.
- Bawarshi, A. (2000). The Genre Function. *College English*, 62(3), 335. <https://doi.org/10.2307/378935>
- Bazerman, C. (2003). Intertextuality: How texts rely on other texts. *What Writing Does and How It Does It: An Introduction to Analyzing Texts and Textual Practices*, 83–96. <https://doi.org/10.4324/9781410609526>
- Bronckart, J. . (1997). *Activité langagière, textes et discours*. Delachaux et Niestlé.

- Campion, A. S. (2020). From CNOOC to Huawei: securitization, the China threat, and critical infrastructure. *Asian Journal of Political Science*, 28(1), 47–66. <https://doi.org/10.1080/02185377.2020.1741416>
- Cheng, L., Zhu, X., & Machin, D. (2023). The depoliticization of law in the news: BBC reporting on US use of extraterritorial or 'long-arm' law against China. *Critical Discourse Studies*, 20(3), 306–319. <https://doi.org/10.1080/17405904.2022.2102519>
- Culler, J. (2005). *The pursuit of signs* (T. & F. E-Library (ed.)).
- Ducrot, O. (1987). *o Dizer e o Dito*. Pontes.
- Ducrot, O. (1988). *Polifonia y argumentacion: conferencia del seminário Teoria del argumen-tación y análisis del discurso*. Universidad del Valle.
- Fairclough, N. (1992a). Intertextuality in Critical Discourse Analysis. *Linguistics and Educa-tion*, 4, 269–293.
- Fairclough, N. (1992b). Discourse and Text: Linguistic and Intertextual Analy-sis within Discourse Analysis. *Discourse & Society*, 3(2), 193–217. <https://doi.org/10.1177/0957926592003002004>
- Fairclough, N. (2003). *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. Routledge.
- Hoey, M. (2002). Signalling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In M. Coulthard (Ed.), *Advances in Written Text Analysis* (pp. 26–45). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203422656>
- Koskela, M. (2013). Same, same, but different: Intertextual and interdiscursive features of communication strategy texts. *Discourse and Communication*, 7(4), 389–407. <https://doi.org/10.1177/1750481313498655>
- Leeuwen, T. (2008). 15. News genres. In *Handbook of Communication in the Public Sphere* (pp. 345–362). Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110198980.4.345>
- Longacre, R. . (1974). Narrative versus other discourse genres. In Ruth M. Brend. (Ed.), *Advances in tagmemics* (pp. 357–376).
- Martin, J. R. (1997). Analysing Genre: Functional Parameters. In *Genre and Institutions* (F. Christi, pp. 3–39). Cassell.
- Rabatel, A. (2009). Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. *Langue Française*, 162, 71–87.
- Ramos, R. L. (2007). Heterogeneidade enunciativa no discurso sobre o ambiente na imprensa portuguesa: funcionamento e efeitos do discurso directo. *Revista Linguagem Em (Dis) Curso*, 18. <https://hdl.handle.net/1822/6957>
- Samoyault, T. (2008). Uma noção instável. In *A intertextualidade; tradução: Sandra Nitrini* (pp. 13–23). Aderaldo & Rothschild.
- Scollon, R. (2004). Intertextuality across communities of practice. In *Discourse across Lan-guages and Cultures* (pp. 149–176). <https://doi.org/10.1075/slcs.68.09sco>
- van Dijk, T. A. (1983). *La ciência del texto* (2ª). Paidós.
- Wei Wang. (2008). Intertextual aspects of Chinese newspaper commentaries on the events of 9/11. *Discourse Studies*, 10(3), 361–381. <https://doi.org/10.1177/1461445608089916>

- White, P. R. R. (2002). *Guide to Appraisal*. <https://www.grammatics.com/appraisal/>
- Zhang, Y. (2021). 'Barbarising' China in American trade war discourse: the assault on Huawei. *Third World Quarterly*, 42(7), 1436–1454. <https://doi.org/10.1080/01436597.2021.1894120>